



Zanele Muholi,
cortesia Yancey
Richardson,
Nova York

BELEZA VALENTE NO IMS PAULISTA

Primeira exposição individual de Zanele Muholi no Brasil traz obras que celebram a beleza da comunidade negra LGBTQIAPN+

“Eu uso a fotografia para confrontar e curar, por isso me denomino ativista visual”. Assim, Zanele Muholi (1972, Umlazi, África do Sul) descreve sua trajetória, na qual arte e política são inseparáveis. Em *Beleza Valente* são exibidas mais de 100 obras concebidas desde os anos 2000 até hoje, incluindo trabalhos inéditos produzidos recentemente no Brasil. A mostra traça um panorama da produção de Muholi, cuja obra funde arte e ativismo em prol de sua comunidade. A curadoria é assinada por Daniele Queiroz, Thyago Nogueira e Ana Paula Vitorio.

Muholi nasceu em 1972, em Umlazi, Durban, durante o regime do apartheid na África do Sul. O fim do apartheid e a nova Constituição, implementada por Nelson Mandela em 1996 – que proibiu a discriminação racial, sexual e de gênero –, não foram suficientes para deter o racismo, o preconceito e os crimes de ódio. A fim de lutar contra essa realidade, Muholi estudou fotografia e passou a fazer reportagens que expunham episódios de violência. Em 2004, seu trabalho ganhou atenção nacional. Com o passar do tempo, trocou as fotografias de denúncia por retratos e autorretratos, criando um vasto arquivo de imagens que confrontam e subvertem os olhares e narrativas coloniais.

O conjunto de trabalhos selecionados para a mostra inclui fotografias, vídeos e pinturas, além da escultura de bronze *A portadora das águas (Mmotshola Metsi)*, de 2023. São apresentadas suas principais séries, como *Faces e fases (Faces and Phases)*, *Somnyama Ngonyama* e *Bravas belezas (Brave Beauties)*. A exposição traz



Da série *Brave Beauties*

Foto: Site Tate Modern / Reprodução

também obras inéditas feitas no Brasil em 2024, quando Muholi veio a São Paulo para participar do Festival ZUM e conheceu organizações e instituições LGBTQIAPN+, num diálogo entre a história da luta por direitos no seu país e no contexto brasileiro.

*“Tudo o que eu quero ver é apenas a beleza. E beleza não significa que você tenha que sorrir, mostrar os dentes ou se esforçar mais. Basta existir”, afirma Muholi. O título da retrospectiva – *Beleza valente* – evidencia que, na obra de Muholi, a beleza é uma forma de luta e afirmação em oposição à violência contra pessoas negras LGBTQIAPN+. Sobre essa característica central do trabalho, a curadoria comenta: “Identificada como uma pessoa de gênero não binário, Muholi constrói fotografias que desmontam os padrões de masculino e feminino em busca de liberdade e fluidez. Seu trabalho valoriza a beleza comum, cotidiana e comunitária, transformada em experiência extraordinária. Sua luta por justiça e dignidade engrandece todas as pessoas.”*

Muitas das séries de Muholi são fruto de um envolvimento com as pessoas fotografadas, buscando retratá-las com suas roupas e poses preferidas, em situações que valorizem sua imagem e aparência. Muholi evita o olhar objetificante, que marca grande parte da história da fotografia, em especial o registro de pessoas negras. Com isso, cria um grande álbum dessa família escolhida, um arquivo de fotografias de pessoas que historicamente foram excluídas das representações oficiais.

A formação desse conjunto de registros, da documentação da história de sua comunidade, é essencial na atuação de Muholi, pontua Daniele Queiroz: *“Muholi ainda luta diariamente pelo reconhecimento desse sólido arquivo da comunidade negra e LGBTQIAPN+ e da relevância de fazê-lo perdurar na história, por meio de fotografias, exposições e publicações. Nomear e arquivar se tornam maneiras de sobreviver à morte física e, não*



Da série *Somnyama Ngonyama*

Foto: Reprodução

menos importante, resistir à morte simbólica, psicológica e intelectual que o sistema patriarcal branco e heterossexual tenta insistentemente imputar à comunidade.”

Exibida no 6º andar do IMS, a mostra pode ser percorrida por diferentes caminhos. Na entrada, o público se depara com uma imagem ampliada de *Somnyama Ngonyama*, uma das principais séries de Muholi, iniciada em 2012 e ainda em construção. Em autorretratos tirados em diversas cidades do mundo, Muholi aparece usando objetos rotineiros, como cobertores, almofadas e cinzeiros, que remetem a contextos sociais e políticos da história sul-africana e dos países por onde passa. Em zulu, língua materna de Muholi, *“Ngonyama”* significa *“leão/leoa”*. A palavra também nomeia o clã de sua mãe, Bester, que trabalhou durante toda a vida como empregada doméstica para famílias brancas sul-africanas. No trabalho, Muholi saúda sua mãe e sua ancestralidade.

Em outra foto da mesma série, Muholi veste pneus de bicicleta vazios. Símbolo da resistência negra nas townships sul-africanas, as bicicletas eram um meio de locomoção importante para as populações não brancas durante o apartheid, em razão do transporte público limitado. Nas fotografias, Muholi incorpora personagens distintas, com frequência em posição de encarar quem observa, em imagens que tratam de traumas individuais e coletivos, mas que também criticam a fotografia colonial e positivista, reivindicando e criando novos imaginários, como afirma Ana Paula Vitorio: *“Muholi, em cada um desses autorretratos, comunica sarcasmo, raiva, valentia, dor, vulnerabilidade, questionamento e muitas outras coisas. Essa é uma interpretação que pode variar de acordo com a imagem, com as circunstâncias e com quem observa cada uma dessas fotografias. Algo indiscutível, entretanto, é que, em todos esses casos, e em dezenas de outros da série, Muholi nos olha nos olhos e sustenta esse olhar.”*

Somnyama Ngonyama traz agora fotos feitas por Muholi durante sua residência artística em São Paulo, exibidas pela primeira vez nesta retrospectiva. Outros trabalhos consagrados, as séries *Bravas belezas (Brave Beauties)* e *Faces e fases (Faces and Fases)* também incluem fotografias feitas no Brasil. Em *Bravas belezas*, iniciada em 2013, Muholi criou um contraponto aos concursos tradicionais de beleza feminina, fotografando participantes do concurso Miss Gay RSA. A série se expandiu e inclui dezenas de retratos posados, muitos deles em preto e branco. Exibindo o corpo inteiro, ou meio corpo, as pessoas participantes são convidadas a posar da maneira como se veem mais bonitas.



Miss Lésbica VII, Amsterdã, Países Baixos, 2009
© Zanele Muholi, cortesia Yancey Richardson, Nova York

O mesmo processo, de convidar cada participante a escolher a forma como deseja aparecer nas fotografias, orienta a série *Faces e fases (Faces and Fases)*, a mais conhecida de Muholi, iniciada em 2006 e também em construção. O projeto reúne centenas de retratos de



Apinda Mpako e Ayanda Magudulela, Parktown, Joanesburgo, África do Sul, 2007 © Zanele Muholi, cortesia Yancey Richardson, Nova York

peças negras lésbicas, não binárias e transgêneros masculinos, construindo um recorte específico dentro da própria comunidade. As *faces* são a imagem que

cada participante deseja produzir de si, muitas vezes em várias fotografias feitas ao longo de anos; as *fases* registram o transcorrer do tempo.

O artista iniciou *Faces e fases* para construir um arquivo da comunidade LGBTQIAPN+ sul-africana, registrando também suas próprias faces e fases. “*Repetidas ao longo dos anos, suas fotografias também permitem narrar as transformações individuais e os processos de afirmação de gênero de cada indivíduo, construindo a memória pessoal com a qual pavimenta a história coletiva. Cada retrato é o elo de uma corrente, mais sólida e articulada que a soma individual das partes*”, afirma Thyago Nogueira.

Na retrospectiva, o público encontra também trabalhos do início da carreira de Muholi, como *Apenas meio quadro (Only Half the Picture)*, série realizada de 2002 a 2006, que documenta pessoas que sofreram violência de gênero ou racial, como agressões e estupros “corretivos”. Nos registros, Muholi fotografa as vítimas com afeto e delicadeza; o enquadramento expõe as cicatrizes, mas protege as identidades. Também produzida no começo da carreira, a série *Ser (Being)*, registra casais de mulheres lésbicas negras sul-africanas em espaços privados, compartilhando momentos de intimidade.

A exposição traz ainda trabalhos como *Miss Lésbica (Miss Lesbian)*, em que Muholi encena sua participação em um concurso de beleza, e *Beulahs (Bonitas)*, com retratos coloridos, que contrastam com o rigor compositivo e o preto e branco de parte de suas séries. Também é exibida uma cronologia da vida do artista, da luta por direitos na África do Sul, da história do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, produzida pelo Museu da Diversidade Sexual, além de um documentário dirigido por Muholi, entrevistas e livros.

MAIS SOBRE ZANELE MUHOLI

Zanele Muholi (Umlazi, África do Sul, 1972) é artista e ativista visual. Publicou os livros *Faces and Phases* (2014), *Somnyama Ngonyama, v.1 e 2* (2018/2024), entre outros, além de *Fundoulnkanyso*, um portal de mídia visual queer. Participou da Documenta 13 (2012), em Kassel, da 55ª Bienal de Veneza (2013) e da 29ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (2010). Em 2016, foi capa da ZUM #11, revista de fotografia do IMS.

SERVIÇO

Zanele Muholi: Beleza valente

Até 23 de junho

IMS Paulista – 6º andar

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2842-9120

Dias/Horários: terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita

A exposição conta com recursos de acessibilidade, como pranchas táteis, audiodescrição e legendas

Ziphelele, parktown, 2016

Foto: Reprodução

